

Exmo. Professor Eduardo Paz Ferreira,
Exma. Dra. Rubina Berardo,
Exmo. Professor Ricardo Cabral,
Exmo. Dr. Emanuel Jardim Fernandes,

Muito boa tarde a todos.

Confiando-me a responsabilidade e o enorme gosto de usar da palavra na apresentação do seu livro, queria, em primeiro lugar, dar os parabéns ao Senhor Professor Eduardo Paz Ferreira por mais esta grande obra.

O convite foi aceite sem hesitar, atentando à admiração que tenho pelo Senhor Professor – que comecei a admirar já lá vão mais de 20 anos –, e que nas palavras de José Tolentino Mendonça, que partilho, é um “mestre, cuja voz, cada dia mais fundamental, se distingue no Portugal contemporâneo”.

Nas páginas de “União Europeia: Reforma ou Declínio”, o Professor Eduardo Paz Ferreira, mais uma vez, e como é seu registo, lança a semente do desassossego, obrigando-nos a pensar, exigindo de todos envolvimento e comprometimento.

Com a colaboração de muitos autores conceituados [como o Professor Ricardo Cabral], que nos fazem despertar para aspetos como a crise em que a Europa está mergulhada, o livro consuma uma reflexão crítica e muito séria sobre o futuro da União Europeia.

E esta conjuntura obriga-nos, justamente, a refletirmos sobre o passado e, especialmente, a perspetivar sobre o futuro do projeto europeu.

“Tenho como seguro que a União Europeia ou se reforma ou morre” começa por declarar nos primeiros parágrafos o Professor Eduardo Paz Ferreira.

Em virtude das sucessivas crises, a União Europeia – demonstra-nos também esta obra –, encontra-se hoje numa situação em que a sua continuidade é cada vez mais questionável.

Acontecimentos como o BREXIT e a falta de uma resposta adequada à crise dos refugiados comprovam que se não forem levadas a cabo ações eficazes e de forma coesa na defesa dos interesses europeus, o fim poderá estar próximo.

Junte-se a tudo isto os enormes desafios que temos à nossa frente, como o aumento da popularidade das forças anti-Europa que estão a emergir no cenário eleitoral francês, alemão e holandês (a que ainda se poderá juntar Itália) e a passividade dos responsáveis políticos, que não têm uma mensagem clara e forte perante os grandes problemas da Europa e é, de facto, quase impossível não prevermos o pior para o futuro do projeto europeu.

Muitos já duvidarão se a famosa “bicicleta” de Jacques Delors não terá mesmo parado...

O BREXIT, que abalou toda a União terá sido, porventura, o resultado supremo da hipocrisia que se apoderou das instâncias comunitárias, que menospreza pessoas e nações milenares.

É resultado da deterioração de um projeto europeu que substituindo a vontade democrática, e os ideais europeus, pelos interesses económicos e financeiros, criou desigualdades inultrapassáveis entre os seus estados-membros.

Mas também é resultado de uma União Europeia que é autoritária e discricionária com países como Portugal e submissa perante outros de maior dimensão, como a Alemanha, secundada por (alguns) países que hipocritamente negam quase todos os dias os fundamentos do projeto europeu.

É a arrogância [neste caso dos países mais fortes], que o Professor Ricardo Cabral tão bem descreve neste livro, que nos é impingida através da “retórica moralista, culpabilizadora do Sul ‘despesista e preguiçoso’, como salienta José Castro Caldas.

Como refere Ricardo Paes Mamede, “É hoje largamente reconhecido que a recessão que se instalou na zona euro foi potenciada pela resposta das instituições europeias à crise (...)” [fim de citação], pelo que é tempo de acabar com as “arrogâncias” e com a “retórica moralista” e olhar de frente para os problemas que temos de enfrentar e solucionar.

E aqui é importante que não nos esqueçamos que a União Europeia teve a sua génese na procura da Paz na Europa.

Como muito bem nos recorda Guilherme d'Oliveira Martins “não teríamos a paz e a prosperidade de que beneficiamos se não houvesse instituições europeias”, acrescentando, e passo a citar, que “70 anos de paz na Europa só foram possíveis mercê da prevalência da coesão sobre a fragmentação, e da razão sobre o medo”.

Neste livro faz-se o diagnóstico do estado atual do projeto europeu, mas **também se apontam caminhos** para a solução dos problemas com que hoje nos confrontamos.

E aqui quero introduzir um pequeno parêntesis para sublinhar que **sou dos que acreditam piamente** que das crises surgem sempre **novas oportunidades**.

A questão é se temos vontade e capacidade de as agarrar...

É pois fundamental seguir o conselho que nos é dado por José N. Cunha Rodrigues [Pai] quando lança o alerta de que “**Regressar aos valores, é, pois preciso**”!, que é o mesmo que dizer que é preciso, e urgente, combater as correntes nacionalistas e populistas, [que encontram maior expressão nos países que formam o Grupo de Visegrado], e que se mantêm na UE apenas por “dinheiro, dinheiro e dinheiro”, como nos recorda José Renato Gonçalves.

Continuando a citar, desta vez o [grande amigo] Professor Nuno Cunha Rodrigues, “Trata-se apenas e só de revisitar os pais fundadores e o espírito presente nos diferentes movimentos, encontros e sociedades surgidos no pós-guerra (...), todos defensores de uma ideia de unidade europeia forjada no diálogo de culturas, fundada em valores éticos e humanistas, tudo numa Europa que reúne singularidades que a distingue de outros continentes”. Fim de citação.

Dito de outro modo, os desafios que se nos deparam devem merecer uma resposta à altura por parte da União Europeia e devem motivar uma vontade e uma estratégia clara e precisa, com medidas concretas e práticas que nos motive a todos como parte integrante e não marginal do projeto europeu.

É preciso visão e clareza nos propósitos, e políticos e políticas à altura dos desafios, sobretudo depois da eleição de um presidente dos Estados Unidos que, acreditando que uma Europa dividida é melhor para os interesses do seu país, alimenta esta insondável tensão e incentiva a divisão europeia.

Impõe-se, portanto, como nos obriga a obra do Professor Eduardo Paz Ferreira, repensar este tempo que é de transição.

É minha profunda convicção, por tudo o que disse, que é absolutamente necessário que a Europa expresse **em voz alta** a sua determinação em agir na defesa dos interesses dos europeus.

Reformar a Europa para impedir o seu declínio passou a ser questão!

Recomendo vivamente este livro a todos, que oxalá fosse lido pela Senhora Merkel, pelo Senhor Hollande e por todos os demais líderes desta nossa Europa.

[Senhor Professor, se tiver oportunidade, envie-lhes, a todos, um exemplar.]

O declínio não é uma fatalidade e as reformas são possíveis. **Haja coragem e visão!**

Funchal, 01 de fevereiro de 2017